

Sentidos atribuídos por médiuns espíritas à mediunidade dos povos originários em suas diferentes expressões: ampliando a consciência sobre os compromissos iluminativos com a Amazônia

João Carlos Jr <jcarlos.jr@gmail.com>
Fundação Allan Kardec – FAK

Iolete Ribeiro da Silva <iolete.silva@gmail.com>
Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – Nós, os espíritas amazônidas, temos compromissos coletivos com a Amazônia e os povos que a habitam e necessitamos compreendê-los para melhor aproveitarmos nossa passagem por aqui. Para desvelar esses compromissos, delimitou-se como objeto de pesquisa os significados atribuídos por médiuns espíritas trabalhadores da FAK às diversas práticas mediúnicas, espiritualistas/religiosas empreendidas pelos povos, originários amazônicos. Tendo o cuidado de não impor nossos pontos de vista e nossas referências culturais não se estabeleceu juízos de valor sobre essas práticas. O objetivo foi identificar os sentidos a elas atribuídos por médiuns espíritas à mediunidade dos povos originários que vivem na Amazônia, à luz dos compromissos iluminativos que devem nortear nossa caminhada de Espírito Imortal. Foi realizado mapeamento de práticas em estudos acadêmicos, traçado um panorama das expressões do sagrado na Amazônia e realizadas entrevistas (grupo focal e entrevista semiestruturada) com quatro participantes para identificar conhecimentos já adquiridos sobre práticas religiosas/espiritualistas e compromissos que nós espíritas temos com os povos originários. De acordo com os participantes, o contato com conhecimentos sobre saberes tradicionais desencadeou sensação de: conexão com o contexto amazônico, conexão com as práticas mediúnicas dos povos originários amazônicos, sentimento de pertencimento, ambiente comum na prática do bem, reconhecimento da importância desses saberes; e a alegria do contato. Os aprendizados construídos na realização deste trabalho referem-se ao reconhecimento da necessidade de ampliar conhecimentos para contribuir com a promoção do respeito a esses povos e proteção dessa região, de forma a avançar gradativamente na concretização dos compromissos iluminativos dos espíritas com a Amazônia.

Palavras-chave – Mediunidade. Povos originários. Povos Indígenas. Transição Planetária

Submetido em 13/10/2021

Aprovado em 17/01/2023

1 INTRODUÇÃO

A Doutrina Espírita afirma que o acaso não existe (Questão 8 - Livro dos Espíritos) e que “*O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de... aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum*”.^[1] Partindo dessas duas premissas compreendemos que temos compromissos coletivos com a Amazônia e os povos que a habitam e necessitamos compreendê-los para melhor aproveitarmos nossa passagem por aqui.

Dada a amplitude do tema que exige estudos que extrapolam o escopo desse trabalho, delimitamos para este artigo um recorte e estabelecemos como objeto de pesquisa os significados que

nós espíritas construímos sobre a mediunidade materializada em diversas práticas espiritualistas/religiosas empreendidas pelos povos originários amazônicos.

A partir da perspectiva espírita, sabemos que na busca pelo aprimoramento do espírito individual, este solidariamente deve colaborar para promover coletivamente o progresso do seu entorno familiar, profissional e social. Queremos, a partir da compreensão de práticas como as pajelanças, rezas, benzimentos e práticas similares, estabelecer laços com os sentidos do contato dos trabalhadores espíritas junto aos povos indígenas e ribeirinhos e com os compromissos iluminativos com a região. Dessa forma é relevante investigar sobre as responsabilidades que nos cabem, enquanto espíritos-espíritas encarnados aqui, frente à região e aos povos amazônicos.

Tendo o cuidado de não impor nossos pontos de vistas e nossas referências culturais e cognitivas, não se pretende neste trabalho estabelecer juízos de valor sobre essas práticas. A intenção é realizar exercício reflexivo sobre a produção de sentidos empreendida por nós espíritas sobre povos e culturas diversas, presentes no mesmo contexto em que vivemos e atuamos, à luz dos compromissos iluminativos que devem nortear nossa caminhada de espírito imortal.

Dessa forma queremos desvelar o olhar interior, com abertura para conhecer sem impor nossas crenças como verdade única.

Questionamos como deve ser o acolhimento das verdades desses povos primeiros que ocuparam/ocupam as terras amazônicas e que deixaram/deixam seus legados nestas plagas.

O objetivo geral desse artigo é responder à pergunta: qual o nosso papel como espírita, nos tempos de transição planetária, quanto ao acolhimento dos povos amazônicos originários e suas práticas de pajelanças, benzimentos, rezas e similares?

São objetivos específicos: identificar conhecimentos que trabalhadores que atuam nas reuniões mediúnicas possuem sobre esses povos; qual postura os espíritas adotam frente às práticas espiritualísticas/mediúnicas desses povos; que compromissos possuímos com esses povos e com a Amazônia.

Para alguns estudiosos, a origem dos povos amazônicos é datada de 9.200 a. C., para outros remontam a 1.000 a. C. Mesmo não havendo uma data precisa, é possível afirmar que a história dessa região vem acolhendo os povos recém-chegados, como foi constatado na chegada de Francisco Orellana, em 1542 com suas ricas anotações.

A história registrou inúmeros equívocos, desumanidades e abusos a esses povos que não são admitidos na conduta da vida em sociedade dos povos pós século XX e seguintes.

As estratégias de colonização envolviam a exploração dos recursos naturais - ouro, minério, preciosidades – e a desarticulação dos modos de vida, das práticas culturais e a hierarquização dos povos onde os mais próximos do colonizador estava nos pontos mais altos dessa escala.

De fato, a sangrenta colonização produziu consequências drásticas e extermínio de vários povos. Desde os primórdios até os dias atuais, sabe-se muito pouco sobre como os povos dessa exuberante região vivem com os recursos da floresta e seus saberes milenares. Entretanto, há uma

crescente conscientização sobre a necessidade de resgatar o lugar social desses povos originários, sua cultura, comportamento e religião, para conhecê-los e romper preconceitos, ainda, que esses, sejam movimentos tímidos.

Não obstante todos os achados que os registros históricos têm em seus acervos, vários preconceitos quanto ao fenômeno da mediunidade e sua ligação com a expressão espiritualista/religiosa desses povos, que desde os primórdios habitam as florestas amazônicas, têm-se mantido ao longo do tempo, seja por questões sociais, reencarnacionistas, psicológicas ou históricas.

É relevante olhar esse acervo em seu contexto, para construir um sentido de pertencimento e nos acercarmos do nosso dever espírita na promoção do respeito às práticas espiritualísticas/religiosas dos povos originários e seu legado. Esse dever vincula-se não somente ao fato de estar nesse importante ecossistema, mas em especial à nossa condição de filhos de Deus em que todos formamos uma só humanidade. Eis o eixo central da temática que estamos apresentando como o papel do espírita em tempos de regeneração planetária a caminho da luz em face dos compromissos iluminativos com a região amazônica.

Desde que Allan Kardec, em janeiro de 1861, trouxe um guia aos médiuns e dialogadores (O Livro dos Médiuns) sobre as bases da mediunidade no bojo da doutrina espírita. O mundo pode ter maior clareza sobre os fenômenos mediúnicos que desde longa data participa da vida humana.

A ciência buscou na parapsicologia (termo criado, em 1889, por Max Dessoir) seu assento para também trazer suas experiências e reflexões sobre o assunto, principalmente a partir das publicações de Joseph Banks Rhine, em 1930, fruto das pesquisas realizadas em seu do laboratório de parapsicologia na Universidade de Duke, do Journal of Parapsychology, da Foundation for Research on the Nature of Man (atualmente chamada de Rhine Research Center).[2]

Agora, no século XXI, o assunto mediunidade navega com segurança de entendimento e independe do credo religioso por conta do testemunho de médiuns como Chico Xavier e Divaldo Franco, além de outros, mundo afora.

Mas por conta ainda da busca do fenômeno, como resultado, e pouco da essência, como perspectiva do papel de cada um ser humano, como médiuns que somos, considerando-se a expressão de Kardec: *"Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo"*, [3] fica mais bem entendida as motivações para acolher e trazer reciprocidade das diferentes expressões do sagrado dos povos amazônico, quanto ao aspecto da mediunidade, de forma humilde, simples, tolerante, solidária e respeitosa, como valores norteadores desse artigo.

A motivação do estudo foi estudar a mediunidade como fato comum aos povos amazônicos, contexto do qual participam os espíritas. O espírita faz parte desse ecossistema do sagrado, onde esse interage harmonicamente de forma indivisível do todo, sem destaque ou "privilégio exclusivo". [3]

Para responder às questões apresentadas nesta investigação e ensejando adesão para outros trabalhos reflexivos, este artigo está organizado assim: apresentação das motivações, objetivos e fundamentos da pesquisa apresentados nesta introdução. Na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa e em seguida os achados sobre as diferentes expressões do

sagrado na Amazônia, quanto ao aspecto da mediunidade. Também apresentaremos dados produzidos em um grupo focal e entrevista individual com quatro médiuns espíritas da FAK.

Os achados são discutidos à luz da doutrina espírita, apontando-se pontos em comum da conversa com médiuns da FAK e reflexões quanto aos espíritas reencarnados nessas terras amazônicas, no fluxo da vigente transição planetária. Por último, são apresentados os aprendizados dos autores e as considerações finais.

2 – METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos que tratam de expressões da mediunidade, fora do Espiritismo, no território Amazônico. Os critérios de inclusão foram dois: trabalhos narrados por pessoas pertencentes aos grupos étnicos dos povos originários, notadamente os povos indígenas e seus descendentes; temática relacionada às práticas espiritualistas/religiosas empreendidas por povos originários. Não houve intenção de catalogar todos os trabalhos, mas de constituir um corpus de informações suficiente para embasar a discussão junto aos/às médiuns participantes desta pesquisa.

Realizada uma busca nos repositórios de artigos e teses das bibliotecas das Universidades Amazonidas e de outros estados do Brasil, onde foram encontrados 11 trabalhos que atenderam aos dois critérios de inclusão. Buscou-se selecionar trechos significativos dos materiais levantados, que permitissem estruturar uma visão genérica quanto à transcendência, à cosmovisão do sagrado e as principais características de cada conjunto de práticas espiritualistas/religiosas. Esses dados serviram de elemento mediador do diálogo com 4 médiuns da Fundação Allan Kardec (FAK). As entrevistas (grupo focal e entrevista individual semiestruturada) foram realizadas em outubro de 2021, totalizando a participação de 04 (quatro) médiuns. Optou-se por uma amostra por conveniência e os participantes que foram convidados já possuíam relacionamento de respeito e confiança com o primeiro autor, o que permitiu falar dos assuntos com menos ressalvas ou inibições. Por fim, foi realizada análise interpretativa dos dados das entrevistas.

3. RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresentamos os dados construídos na pesquisa. Na subseção 3.1 estão os dados extraídos da análise de trabalhos acadêmicos sobre o tema desta pesquisa, com alguns trechos que ilustram a diversidade de práticas espiritualistas/religiosas dos povos originários amazônicos. Na seção 3.2, são apresentados os dados das entrevistas realizadas junto aos/às médiuns trabalhadores da FAK, com as análises sobre os sentidos atribuídos pelos/as participantes da pesquisa à diversidade religiosa e aos compromissos iluminativos dos espíritas frente aos povos originários.

3.1 O QUE DIZEM OS ESTUDOS ACADÊMICOS

A seguir será apresentado um breve panorama das práticas espiritualistas/religiosas, organizado em duas partes. A primeira subseção (3.1.1) aborda procedimentos de cura, ligados à

pajelança indígena e cabocla, e a segunda (3.1.2) refere-se a outras tantas diversas práticas religiosas, presentes no contexto amazônico. Abaixo, o Quadro 1 traz alguns dados sobre os 11 trabalhos que constituem a amostra coletada nos repositórios das Universidades Brasileiras.

Quadro 1 – Estudos acadêmicos sobre fenômenos mediúnicos em povos da Amazônia.

Item	Interação com vida espiritual	Região	Referência Bibliográfica	Palavras-chave
01	Pajelança indígena e Pajelança cabocla [4]	Baixo Amazonas (Parintins/AM)	RODRIGUES, Renan Albuquerque; TRINDADE, Deilson do Carmo; PAIVA, Ignês Tereza Peixoto; VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. <i>Pajelanças indígena e cabocla no Baixo Amazonas/AM e suas implicações a partir de questão histórica. Ponto Urbe</i> [Online], 15 2014. Disponível em : https://doi.org/10.4000/pontourbe.2411 . Acesso em: 15 out 2021.	conhecimento tradicional, rituais de cura indígena, terapeutas populares, Baixo Amazonas, Amazônia
02	Batuque: enraizamento de elementos do catimbó e da pajelança. (Cultos afro-brasileiros) [5]	Pará (Belém)	CAMELO, Marco Antônio da Costa <i>et. al.</i> . Sociedade e Saberes na Amazônia. (Org.). Fares et al. Belém (PA): EDUEPA, 2018. Disponível em https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2019/06/SOCIEDADE-S-E-SABERES-DA-AMAZONIA.pdf	Saberes e práticas, Amazônia
03	Curas não-convencionais: ervas, garrafadas, rezas e benzimentos e outros [6]	Amazonas (Manaus)	FRANÇA, Elvira Eliza. Crenças que promovem a saúde: mapas da intuição e da linguagem de curas não-convencionais em Manaus, Amazonas. / Elvira Eliza França. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.	Curas, práticas não convencionais
04	Curas não-convencionais: os(as) curadores(as) sacaca [7]	Baixo Amazonas/AM (Parintins/AM)	CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. “A canoa da cura ninguém nunca rema só” o se ingerar e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM). 2017. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.	Antropologia. Cosmologia. Cura. Baixo Amazonas
05	Pentecostalismo caboclo [8]	Pará, com os Suruí-Aikewara. Outros Estados: Amapá, Rondônia e Amazonas.	RODRIGUES, D.; DE MORAES JÚNIOR, M. R. A Pentecostalização de Povos Tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 900-918, 31 ago. 2018. Disponível	etnogênese, pentecostalismo o caboclo, missões evangélicas, pajelança, Amazônia

			em http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.21755841.2018v16n50p900/13569	
06	Práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras (Umbanda, Tambor de Mina e Candomblé) [9]	Pará: região metropolitana de Belém, Ananindeua e Marituba. Arquipélago do Marajó: Muaná e Soure; Baixo Amazonas: Juruti. Tríplice fronteira: Tabatinga-AM e Letícia-Colômbia.	NASCIMENTO, Ana Lídia Cardoso. Ciência do sagrado na Amazônia. Encontros entre a tradição e modernidade nas práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras. Orientadora: Ligia T. L. Simonian. 2018. 379 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10417	Ciência. Pajelança. Cura. Religião afro-brasileira. Saber tradicional
07	Teologias e espiritualidade das indígenas, Símbolos, benzimentos [10]	Amazonas, São Gabriel da Cachoeira	REZENDE, Justino Sarmiento - indígena do povo Utãpinopona/Tuyuka. Cosmovisão indígena: criação, encarnação e saída desse mundo. REVISTA IHU ON-LINE (Instituto Humanitas Unisinos). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopoldo/RS. Nov 2018. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/584953 . Acesso em: 15 out. 2021	Espiritualidade indígena, cosmovisão,
08	Religiões brasileiras da ayahuasca. (Linhas do Santo Daime, da Barquinha e da União do Vegetal). Matrizes indígenas, vegetalistas e africanas. [11]	Amazonas, Vila Céu do Mapiá na Floresta Nacional Purus. Situada nas cabeceiras do Igarapé Mapiá, a 30 km do Rio Purus, em Pauini/AM.	LIRA, Wagner Lins. “Da seringa ao chá”: Uma História de Mestres e Padrinhos na Amazônia brasileira. Tempo 27 (1) • Jan-Apr 2021. Disponível em https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2021v270105 Acesso em: 15 out. 2021	Amazônia; Ayahuasca; Espiritismo popular
09	Pajelança cabocla [12]	Amazonas, Parintins, comunidade Mocambo do Arari	LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes; SILVA, Adan Renê Pereira da. Mulheres e práticas de cura: vivências no Mocambo do Arari - Parintins, Amazonas. Revista Eletrônica História	Mulheres ribeirinhas. Práticas de cura.

			em Reflexão, Dourados, v. 14, n. 28, p. 164-190, out. 2020. ISSN 1981-2434. Disponível em: < https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12183 >. Acesso em: 15 out. 2021. doi: https://doi.org/10.30612/rehr.v14i28.12183 .	Encantados. Amazônia.
10	Pajelança cabocla. Prática da puxação, cura por uso de chás. [13]	Amazonas, Feira da Manaus Moderna, Sr. Maia, Indígena, Apurinã.	CASTRO, Miriam de Araújo Mafra; CAVALCANTE, Rubia Maria Farias. Saberes de cura e práticas corporais. Marupiaira Revista Científica do CESP/UEA, [S.l.], n. 3, p. 153-170, abr. 2019. ISSN 2527-0753. Disponível em: < http://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiaira/article/view/1453 >. Acesso em: 15 out. 2021.	Pajelança indígena; Benzeção e religiosidade; Cidade.
11	Pajelança indígena para tratamento de transtornos mentais [14]	Amazonas, tribos indígenas Andirá-Marau e Nhamundá-Mapuera, Baixo Rio Amazonas	RODRIGUES, Renan Albuquerque. Sofrimento mental de indígenas na amazônia. Revista Eletrônica Mutações. Universidade Federal do Amazonas. [Polo Parintins. Edição v. 5 n. 8 (2014)].	Cura, pajelança, saúde mental

Fonte: Pesquisa de campo, 2021

3.1.1 PROCEDIMENTOS DE CURA NÃO CONVENCIONAIS: A PAJELANÇA CABOCLA E INDÍGENA

A maioria dos achados abordam o que antropólogos e historiadores têm intitulado de pajelança cabocla ou indígena, referindo-se a práticas de cura, por meio da interação com os espíritos e/ou a prescrição de ervas adequadas à cada pessoa ou situação. Quando esse processo é realizado pelo indígena, este recebe o nome de pajé⁴⁴ e o processo de cura é chamado pajelança⁴⁵ indígena.

Dos registros apontados no Quadro 1, seis (06) são diretamente ligados ao tema da pajelança, o que denota a forte correlação da mediunidade como meio de acesso aos espíritos ligados a esses povos, cuja principal necessidade e/ou razão da busca é a cura de doenças ou tratamentos para acidentes na floresta, seja muscular, espiritual ou das funções orgânicas.

⁴⁴ O pajé ou pagé é uma pessoa de destaque em certas tribos indígenas da América do Sul. São curandeiros, tidos como portadores de poderes ocultos, ou orientadores espirituais.

⁴⁵ A Pajelança ou Cura diz respeito a um sistema médico-religioso praticado na região amazônica, no qual se recebem entidades chamadas de encantados. O curador ou pajé entra em transe, identificando o mal que acomete a pessoa que buscou ajuda, e prepara medicamentos naturais para o tratamento das enfermidades. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paj%C3%A9>. Acesso em: 05 Jul 2021.

Para ficar mais tangível quanto à natureza dos fenômenos mediúnicos, traz-se os relatos centrais das informações coletadas nestes seis documentos que estabelecem conexão com o objetivo desse artigo. O número constante antes da citação é indicativo do número constante no Quadro 1:

[01] A mediunidade na pajelança indígena, o potencial para a explicação de sonhos e a celebração de rituais propiciatórios de espíritos bons e maus fomentam a xamãs étnicos intermediações com o mundo extrassensorial.

[03] Segundo C.C.S. (indígena), a experiência da perda de alguém da família marcou muito a sua memória, e a morte do tio chamou sua atenção para o significado da ida. Ela sentia a presença do tio, que se comunicava com ela, e lhe dava orientações, mesmo não possuindo mais o corpo físico. Isso fez com que C.C.S. percebesse que nem mesmo a morte pode separar as pessoas. Nessa época, ela estava sofrendo muito de solidão e discriminação social. Seu tio falecido lhe dava orientações sobre a vida e sobre seu futuro.

[04] "Cada curador ou curadeira cuida do seu local, de acordo com as indicações dos guias. Esses cuidados, geralmente, de responsabilidade dos ajudantes do(a) curador(a) (membros da família ou médiuns em desenvolvimento).

De acordo com essa e outras narrativas, os bichos do fundo podem se manifestar fisicamente, ingerados ou tomar o corpo do(a) curador(a). Para os curadores e curadoras locais há diferença entre espírito, bichos do fundo e entidade. O espírito é manifestação mediúnica de pessoa que já morreu e vem ao plano terreno em busca de ajuda...

Como já afirmado, cabe ao sacaca acionar a potência/força de cura para procurar a causa da doença onde ela estiver. Para isso precisa se ingerar: ter a capacidade não só de excorporar, como o xamã e romper as fronteiras cosmológicas; ou de incorporar - receber um espírito (caboco, médico, cigana ou qualquer uma das entidades que compõem as sete linhas da umbanda) – como um médium, mas, e sobretudo, de se metamorfosear em diferentes seres para obter a cura do(a) pacientes e/ou capturar desses seres as habilidades e capacidades necessárias para assegurar a cura do paciente..."

[09] "A trajetória de vida de dona Nadir é marcada por suas experiências com o dom da cura, intermediado no contato com o mundo dos espíritos por meio de visões enquanto pescava. Nota-se em sua narrativa a eliminação do espírito do mal, tornando o seu trabalho um dom. E, a partir de então, começou a fazer trabalhos, as "pajelanças caboclas", com práticas tradicionais de cura às enfermidades biológicas (febre, dor de cabeça, cólicas) bem como as espirituais, como o espanto de criança, quebranto e mau-olhado. O Sacaca é um curandeiro que vai ao mundo das encantarias. As pessoas que o recebem por meio "engeramento" ficam com o dom de curar. O termo "puraca", ressaltado na fala de dona Nadir, que quer dizer "o mais puro", faz referência ao desafio de curar uma enfermidade mais complexa. Para Eduardo Galvão (1976), o termo "engeramento" consiste em uma ideia cosmológica na qual a representatividade dos seres é manifestada em determinadas pessoas que possuem o dom de receber os espíritos como seus mestres na cura. Pode-se entender por inferência que o primeiro "engeramento" ocorrido na personificação do Sacaca em dona Nadir ocorreu no episódio do desmaio no momento da visão no rio, sendo ele o seu grande professor."

[10] "Eu aprendi a fazer o chamado é através de visões. A gente chama o espírito. Ele não se incorpora em ninguém, o espírito fala (...)". "Apesar de ser católico, é a mesma vida católica, só que aí a gente trabalha o espírito. Às vezes é macumba, coisa feita e inveja. Toda doença é um espírito. Aquele espírito através de mandado ou por outras eles gostam da pessoa e se apoiam. Não tem outro feitiço mais forte que a inveja."

[11] "Moradores das Tis (terras indígenas) Andirá-Marau e Nhamundá-Mapuera, experimentadores de vicissitudes das urbes localizadas no Baixo Amazonas e fronteiriças ao leste paraense, desde a década de 1970, conhecem os "perigos da proliferação de espíritos agressivos/assassinos originários de pessoas matadoras e dos espíritos da cachaça, que encostam nas pessoas e as tornam insensatas" [15]. Para esses iniciados, parece óbvio que a inconstância mental, emocional e de comportamento é fomentada, entre outras coisas, pela falta de ensinamentos xamânicos. Para eles, a ginástica espiritual funciona como fortalecimento cerebral e de alma. Sem praticar o reforço dos símbolos, o corpo falha. A prática xamânica que apresenta fundação e estrutura de mitos é a mesma que tende a remediar forças da natureza. Entre Sateré-Mawé e Hixkaryana tem se tornado imprescindível a participação de xamãs no tratamento de desordens mentais influenciadas pela migração. Entre outras etnias, a condição parece similar. Manuel Tukano, um dos líderes espirituais de seu povo — o qual integra 17 agrupamentos com 11 mil pessoas a noroeste do Estado do Amazonas, no Alto Rio Negro, e 18 mil entre Venezuela e Colômbia — corrobora com a ideia da inserção do xamanismo na mediação dos impactos da ocidentalidade entre índios migrantes. Identificou-se que o falecido pai da menina insistia, em sonho, para que ela voltasse a morar junto dele, cujo corpo estava enterrado na terra indígena, tendo em vista o fato dos dois serem muito apegados outrora. Na TI, a jovem deveria se submeter à influência xamânica de preceptores Sateré-Mawé para que eles expurgassem dela os espíritos maus que a afligiam. O pai teria dito ainda para a menina que havia sido assassinado por vingança e que ela devia fazer trabalhos de pajelança com os iniciados espirituais da aldeia de origem, caso quisesse continuar viva. Para isso, ela deveria trabalhar para devolver ao espírito do falecido o sossego."

Como se observa nos relatos, os fenômenos mediúnicos e percepções espirituais se materializam em várias práticas espiritualistas/religiosas dos povos originários amazônicos: seja de forma onírica, na mediunidade dos médiuns falantes ou psicofônicos, nos médiuns audientes, na transmissão do pensamento, transmissão de fluídos combinados entre o médium, os guias espirituais, os elementos da natureza, o tratamento das doenças do Espírito.

Profundas reflexões são ofertadas ao leitor espírita, especialmente àquele onde a mediunidade é objeto de conhecimentos pela via do coração⁴⁶, quais sejam: acolher essa ancestralidade da mediunidade humana, desenvolver o sentimento de pertencimento à essa região amazônica e de respeito ao arcabouço de saberes dos primeiros povos que praticam a mediunidade no mandato de servir.

Nesse registro de André Luiz, na obra ‘Nos domínios da mediunidade’, vê-se, com clareza, a amplitude dessa tarefa mediúnica, onde nos situamos, o território que Deus nos ofertou para viver exercendo nossa mediunidade, por que todos somos médiuns em determinado grau.

[...] Pelo tempo de atividade na causa do bem e pelos sacrifícios a que se consagrou, Ambrosina recebeu do plano superior um mandato de serviço mediúnico, merecendo, por isso, a responsabilidade de mais íntima associação com o instrutor que lhe preside as tarefas. Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos. [...]

[...] O homem constrói, destrói e reconstrói destinos, como a humanidade faz e desfaz civilizações, buscando a melhor direção para responder aos chamamentos de Deus. É por isso que pesadas tribulações vagueiam no mundo, tais como a enfermidade e a aflição, a guerra e a decadência, despertando as almas para o discernimento justo. Cada qual vive no quadro das próprias conquistas ou dos próprios débitos. Assim considerando, vemos no planeta milhões de criaturas sob as teias da mediunidade torturante, milhares detendo possibilidades psíquicas apreciáveis, muitas tentando o desenvolvimento dos recursos dessa natureza e raras obtendo um mandato mediúnico para o trabalho da fraternidade e da luz. E, segundo reconhecemos, a mediunidade sublimada é serviço que devemos edificar, ainda que essa gloriosa aquisição nos custe muitos séculos.[16]

⁴⁶ Entre os antigos egípcios, o coração, que era designado por dois sinais hieroglíficos distintos, representando ora sua dimensão orgânica, ora sua dimensão moral e espiritual – que, aliás, não se contrapõem, mas se complementam – era identificado como órgão único da vida material e também como centro da vida espiritual. “É dele (do coração) que jorram as fontes da vida”, segundo um texto gravado em uma pirâmide do Alto Império.

Perspectiva semelhante é encontrada entre os antigos semitas, particularmente os hebreus. Para eles, o coração não é somente o órgão indispensável para a vida do corpo: ele é também o centro de toda vida psicológica e moral, da vida interior. São inúmeras as passagens no texto bíblico em que o coração aparece não apenas como princípio da vida corporal, mas também como centro da vida espiritual.

Como centro das faculdades espirituais e da vida moral, o coração da Bíblia é também sede da sabedoria, da memória, da vontade, das disposições da alma (boas ou más), das paixões e sentimentos, dos desejos, da consciência. No sentido místico e religioso é pelo coração que Deus forma, instrui e fala com cada homem. É no centro dos corações humanos que Deus quer fazer sua morada; mensagem messiânica que se realiza no Pentecostes do Novo Testamento. Dante Gallian. REVISTA SER MÉDICO. HISTÓRIA DA MEDICINA. O CORAÇÃO NA HISTÓRIA. O coração sempre ocupou papel de grande importância no simbolismo relacionado ao homem. Edição 44 - Julho/Agosto/Setembro de 2008. (pág. 16). Disponível em: <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=374> Acesso em: 09 Jul 2021.

3.1.2 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS: BATUQUE, PENTECOSTALISMO CABOCLO E PRÁTICAS DE PAJELANÇAS

Aqui trazemos os outros cinco (05) registros, referidos no Quadro 1, a fim de expandirmos as referências à cosmovisão dos espíritos reencarnados na Amazônia:

[02] Tudo começa com o aparecimento da mediunidade e conforme constata Anaíza Vergolino, em “A Carreira do Pai de Santo” [17], isso acontece durante a infância dos indivíduos de maneira muito atribulada. As primeiras manifestações mediúnicas se dão em meio a desmaios, quedas, sumiços, dores de cabeças, o que leva nossos informantes a procurarem médicos e outras religiões.

[05] "pentecostalismo caboclo": como uma prática pentecostal, ainda mais sincrética, cada vez mais descentrada dos sistemas tradicionais protestantes que, na região da Amazônia, se dissemina como prática de êxtase e cura em contextos comunitários de populações indígenas e índios destribalizados e povos ribeirinhos; os dois últimos inseridos na categoria social de caboclo. Neste contexto de “pentecostalismo caboclo”, as igrejas evangélicas assimilam e ressignificam as formas de curandeirismo ou de xamanismo caboclo.

[06] Uma rezadeira da cidade de Juruti – parte baixa do rio Amazonas – entrevistada, dona de uma mediunidade definida como intuitiva, afirma que ela consegue identificar o problema do outro quando ela se concentra bem. Ela olha para a pessoa, entra por dentro e consegue perceber o seu problema e o que lhe aflige, e a partir deste momento ela indica o direcionamento para solucioná-lo. Esta mesma explicação é dada por curandeiros indígenas que curam por meio da ayahuasca, moradores da tríptica fronteira, Brasil, Colômbia e Peru. Os quais depositam nos espíritos, entendidos como doutores, que vem em sonhos e visões, e diagnosticam a enfermidade, orientando que planta usar, como curar, os cantos e ferramentas principais.

[07] "Dentro desses espaços, os nossos sábios Kumua, Bayarua, Yaiwa realizam os rituais de xamanização em busca de forças vitais para colocar dentro do coração humano. A vida humana e outras vidas do mundo, da natureza, das águas, dos peixes, das árvores, dos insetos e de tantos seres vivos existentes possuem suas forças vitais. Eles se protegem e se defendem. O ser humano busca criar harmonia com todas essas vidas para viver com tranquilidade e equilíbrio. Quem consegue fazer esses acordos espirituais são os nossos Kumua, Bayarua e Yawa. Eles são especializados para acessar outros mundos imateriais (espírituais) e conversar com outros seres para se entenderem (concordarem) para que estabeleça o respeito entre os diversos seres viventes. O espírito dos antepassados está sempre presente na vida do povo. A escuta aos sábios e às sábias contribui para aprendizagem dos valores fundamentais da vida. Existem sim momentos especiais para conversar com Deus. Todos os espaços são de Deus. Alguns elementos importantes são: [...] c) diálogo contínuo com os seres protetores: diálogo antes de um trabalho, da pesca, da caça, das festas, viagens etc.; pedido de proteção é diário; os Seres protetores não são deuses, mas são espíritos. Alguns habitam nas montanhas mais altas, são espíritos dos antepassados, por isso, antes de qualquer trabalho se deve pedir perdão e licença aos espíritos protetores. Outros espíritos-sábios são como nossas mães que estão continuamente nos protegendo e sem essa proteção pode acontecer desastres. Outros espíritos intercedem para nosso bem. Outros espíritos habitam os lugares onde frequentamos e eles nos cuidam."

[08] "Os médiuns recebem espíritos de Pretos Velhos, além de Caboclos e Encantados. Encontramos a presença de espíritos de bispos, padres e arcebispos, pois a 'Barquinha' representa uma missão franciscana. Trabalhos mediúnicos, unindo transes de incorporação e exorporação, ao passo que permitem a assistência de entidades de outros panteões. O que fica dos saberes tradicionais é a democratização dos estados ampliados de consciência, ou melhor, das Mirações do Daime, assim como a ideia ameríndia de transubstanciação espiritual, primeiramente, dos espíritos de Juramidam (Mestre Irineu no Astral) e da Virgem da Conceição – ao presidirem a sabedoria do chá – e, secundariamente, quando o daimista sabe que ingere um chá hábil a conduzi-lo às realidades metafísicas."

A perspectiva de análise desses achados obedece à orientação dos espíritos, constante na pergunta 842, do Livro dos Espíritos, quando Kardec questiona como identificar uma doutrina boa e eles nos dizem que é: “aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse o sinal por que reconheceréis que uma doutrina é boa” [18]. Dessa forma, essas mais diversas tradições devem ser tratadas com respeito.

Esse conjunto de saberes e práticas relatados nos 11 trabalhos levantados na literatura acadêmica nos remetem ao que Paulo de Tarso nomeou como a diversidade de carismas (dons) conforme registrado na primeira carta aos Corintos (1 Cor 12.1-11). Essa ideia posteriormente foi desenvolvida por Hermínio C. de Miranda, em um livro que aborda o tema da prática mediúnica, sob o título ‘Diversidade de Carismas’. Ele estabelece interrelações dos médiuns com a vida espiritual e o seu entorno ou região em que foram designados a trabalhar como aprendizes do Evangelho de Jesus, estabelecendo bases seguras para dar suporte às reflexões que queremos compartilhar aqui [19].

Após selecionarmos os trechos acima citados, realizamos um grupo focal e uma entrevista com quatro médiuns trabalhadores da FAK para apresentar uma síntese desses achados, construindo um panorama das práticas espiritualistas/religiosas dos povos originários. Em seguida apresentamos as questões problematizadoras desse estudo a fim de colher as impressões, percepções, opiniões sobre o objeto de estudo. A análise apontou alguns pontos comuns que permitiram apresentar nossas conclusões à luz do presente material de forma a ensejar novas reflexões.

3.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS MÉDIUNS ESPÍRITAS DA FAK

O encontro do grupo focal teve um momento inicial de harmonização através da declamação da poesia de Celdo Braga, “Filhos da Amazônia”⁴⁷. Em seguida o primeiro autor apresentou os objetivos da pesquisa e um panorama com 11 trabalhos selecionados nessa pesquisa. Foram apresentadas duas perguntas sobre que conhecimentos prévios sobre as práticas espiritualistas/religiosas dos povos originários da Amazônia e compromissos temos com esses povos e suas práticas.

A duração do grupo focal e entrevista foi de aproximadamente 1h30. Os dados foram transcritos e para melhor entender e assimilar as falas nas entrevistas, foram apontadas categorias (palavra que vamos utilizar para falar de sentidos atribuídos) que melhor traduzissem as ideias narradas.

Foram identificadas as 6 (seis) categorias: conexão com o contexto amazônico; conexão com as práticas mediúnicas; sentimento de pertencimento; ambiente comum na prática do bem; reconhecimento da importância desses saberes; e alegria do contato.

A primeira categoria – “*Conexão com o contexto amazônico*”, esteve presente em todas as entrevistas/grupo focal. Os/As participantes narraram que ter contato com conhecimentos sobre os povos amazônicos e suas práticas espiritualistas/religiosas fez conexão com suas histórias de vida e vivências comunitárias desde a infância com esses saberes e práticas. Vejamos duas falas que expressam essa ideia de médiuns diferentes B e C (letras que os identificam e preservam suas identidades):

[B] O convite possibilitou-me fazer uma imersão nas minhas origens. Nascida em Manaus, minha família é ribeirinha, de Fonte Boa/AM. Tive a felicidade de viver a infância num período onde não havia TV e lidávamos com o imaginário ou as verdades do povo ao qual pertencia, o Amazônico, que sabe muita coisa, que sempre tem uma história pra contar. Tudo tem uma conexão com a natureza e espiritualizam essa natureza.

[C] Quando criança, meu irmão tinha a espinhela caída e minha mãe o levava para Vó Patrocínia e pegávamos uns galhos de árvore, que ficava ao lado da casa dela, para fazer uma oração com as ervas molhadas numa árvore. [...] Ela (mãe) era muito católica e

⁴⁷ Disponível em https://youtu.be/npMz3OQG_3s

ficava com a chave da Igreja, por isso acho interessante lembrar desse ritual da benzedeira com o catolicismo de minha mãe, durante boa parte de minha infância.

A segunda categoria é referida como “*Alegria do contato*” e esteve presente em 02 entrevistas (médiuns B e D). As narrativas retratam o estado da alma dos entrevistados ao reverem suas histórias de vida, face o que estava sendo relatado nos achados, nos trabalhos acadêmicos apresentados, como visto a seguir.

[B] Essa felicidade de ter convivido com os relatos da minha vó, que me enriqueceram muito; por isso, sou grata pelas histórias do meu povo. Com isso, passei a ter muito conhecimento da vida e hábitos do caboclo que vai do alimentar ao sagrado.

[D] Todos esses relatos citados, de uma certa maneira, tive contato e tenho muita alegria em saber deles. Há muita propriedade nas falas registradas.

A terceira categoria foi referida como “*Reconhecimento da importância dos saberes tradicionais*” e traz a ideia chave de que os relatos são fatos em comum na vida das comunidades amazônicas e não tem, per si, uma revelação do sobrenatural, apenas são situações comuns entre as pessoas e natureza a sua volta e se perpetuam no tempo pela tradição dos povos, fato que se apresentou em 03 entrevistas, onde capturamos essas duas falas que trazem uma síntese (médiuns B e C), a saber.

[C] Apesar da ciência e da medicina falarem que esses chás de ervas não vão surtir efeitos, eu continuo tomando os medicamentos indicados e também os chás que me são recomendados pelos espíritos.

[B] Desde criança, convivi com essas histórias dos animais que vêm para curar, das energias da água, na qual pedia autorização dos deuses e deusas, dos espíritos que lá habitam para ingressar no Rio e seu mundo. Até hoje levo isso para minha vida e ao ir ao banho no chuveiro ou na floresta faço o sinal da cruz (herança de quando católica).

A quarta categoria é a “*Conexão com as práticas mediúnicas espíritas*”, referenciada por todos/as participantes que narram sobre a relação do/a médium nas suas experiências de trabalho mediúnico. Registramos as falas dos médiuns B e D:

[B] O assunto me deixou bem tranquila, sem surpresas, me sinto em casa, sem diferença com o mundo espiritista.

[D] Essas entidades relatadas estão no espaço espírita, e se expressam por outros canais, como pelo canto de uma companheira [...] (médium na casa espírita) que falava da floresta, das encantarias, num caso bem específico de acolhimento espiritual.

A quinta categoria é o “*Ambiente comum na prática do bem*” referido por 03 participantes, que traz a ideia chave de que os achados apresentados neste artigo se inter cruzam com a prática do bem das experiências dos entrevistados, como a seguir no dizer dos médiuns B e D:

[B] Tenho um trabalho voluntário em 9 comunidades do Rio Cuieiras, onde tem os indígenas desenvolvendo seus costumes e tradições [...] Durante a viagem de barco, ouço cantos e a presença de indígenas caracterizados, o que é percebido por outros médiuns assim como outros companheiros também relatam seja na alegria expressa nas batidas de tambor.

[D] Trabalhei com muitas etnias indígenas e conheço o Padre Justino (indígena autor de um dos trabalhos analisados neste artigo) por fazer um trabalho com a igreja católica ligado a uma rede educacional. [...] Em eventos da igreja católica, nesse segmento mais aberto a todas essas questões, com os bispos, nos congressos, na semana de Estudos Amazônicos dos Jesuítas, em Universidades, nesses encontros, são chamados os pajés.

Há pajelanças com mães de santo, pretos velhos, um evento ecumênico. Há uma abertura muito grande para essas práticas.

A sexta e última categoria é o “*Sentimento de pertencimento*”, refere-se a um sentimento interior de pertença dos médiuns em relação aos dados apresentados durante o grupo focal, do qual destacamos dois médiuns (B e D):

[D] Então, seus relatos lidos são uma maravilha porque traz informações muito bem claras e todas elas já experienciei, seja o chá da união do vegetal, conheço pessoas da religião 'barquinha', santo daime e estreitamente convivo com esse universo antes de ir a casa espírita.

[B] O sentimento que define tudo o que ouvi é o de identificação com os relatos, como se cada uma das narrativas estivesse presente naqueles momentos apresentados. Pertencço ao sentimento dos personagens e quase que visualizo e materializo as narrativas. Transporte-me para cada cena.

Ao mesmo tempo em que as narrativas dos/das participantes apontaram essas categorias relacionados à valorização dos saberes e povos amazônicos, também reconheceram a necessidade de conhecer de forma mais sistemática e aprofundada os povos e suas culturas. É consenso que enquanto espíritas precisamos nos aliar aos defensores desses povos, das suas culturas e do ecossistema.

4. APRENDIZADOS

Se me fosse perguntado se esse trabalho seria possível, teria fortes inclinações para dizer que não era factível na sua idealização e nem menos na sua concepção. Mas como a proposta se apresentou pelo tema da mediunidade, confirmo que a estratégia espiritual foi muito acertada.

Todas as inspirações para a pesquisa dos achados no campo acadêmico se deram de forma muito clara e direta, a me levarem a encontros jamais imaginados; porém, de uma riqueza encantadora na vivência de espírita em qualquer espaço onde me apresento. O capítulo das Considerações Finais me trouxe surpresa com a conexão do assunto, até então não percebida, bem como a mensagem dos dirigentes espirituais da FAK, registrados na obra “Luzes sobre a Amazônia”⁴⁸. Não havia planejado ou pensado em nenhuma dessas correlações. Creio que este é o cerne dos meus aprendizados que muito me faz refletir.

Por isso, posso dizer, concluindo, que a participação nos simpósios da FAK tem sido uma oportunidade de estabelecer muita sintonia com os Espíritos, ano a ano, o que favorece o processo de educação mediúnica, de forma gentil e alegre, o que me permite servir e compreender melhor minha reencarnação, descobrindo-me a cada artigo escrito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daquilo que foi apresentado como objetivo do artigo – trazer conhecimento sobre a mediunidade dos povos precursores – os achados desse estudo preencheram sua função, dando um painel bastante amplo de como esse assunto permeia os interesses acadêmicos em vários pontos da vasta região amazônica por meio das diversas publicações em revistas das Universidades Brasileira, notadamente as da Amazônia.

⁴⁸Médium: Marcellus Campêlo / Ditado por: Joel / Redação: Fundação Allan Kardec (Autor), Editora Boa Nova

Outro ponto importante para validar a compreensão destes achados foi a apresentação desses resultados a um grupo de 04 entrevistados médiuns, ligados a Fundação Allan Kardec, para uma avaliação dos seus conteúdos e colher percepções. Neste tema, consideramos que houve grande consenso de todos eles quanto às ideias de Conexão com o espaço; Senso Comum; Conexão com as práticas mediúnicas; Pertencimento; Alegria; Ambiente comum na prática do bem.

Como esse artigo traz um olhar sobre os tempos de transição planetária, recorremos à recente obra intitulada Luzes sobre a Amazônia, do espírito Joel, onde colhemos trechos que ajudam a refletir sobre o papel do espírito, quanto a mediunidade e sua relação com os povos precursores.

Aqui temos a fala do Ministro Samir, da colônia espiritual Amor, que traz a referência quanto a nossa atuação na Amazônia e quanto nos cabe refletir sobre o que pensamos, preconceitos e atitudes ao falar da nossa atuação junto aos povos precursores.

Os nobres companheiros do Velho Mundo e do Oriente compreenderão que o nosso débito com esta região verdejante é imenso, em face das atitudes que nós, ao longo do tempo, viemos desenvolvendo nestas plagas. O processo dito de civilização que impusemos aos povos da floresta, autoritário, escravizante e destruidor, aniquilou as estruturas espirituais que nossos irmãos possuíam, em termos culturais e religiosos. Ao invés da evangelização pelo exemplo fraternal, violentamos as consciências pela catequização invasiva, sem respeitar as diferenças e, de fato, mais objetivando as riquezas de que nossos irmãos eram possuidores, para alimentar a nossa cupidez. A bandeira do progresso era hasteada sob o pretexto falso de soberania e evolução, mas, em verdade, o homem nunca fora o foco central das ações dos governos que se sucederam na locupletação das riquezas regionais. [20]

Podemos entender que sobre o sagrado e a relação com a mediunidade destes povos foi também drasticamente corrompida, o que nos faz, nestes tempos de transição planetária, perguntar a nós mesmos sobre quais os conceitos e preconceitos estão ainda cravados em nossa consciência, que ainda não se permite ser iluminada pelo mandamento do amor ao próximo.

O entrelaçar religioso não procura segregar ou se distanciar da lei do amor como visto na narrativa do espírito Joel ao relatar a presença de um companheiro ligado aos povos indígenas entre os estudos da Colônia de Amor, sobre o Evangelho de Jesus, no plano maior.

Não por outro motivo, nossa mesa hoje está composta por representantes das mais numerosas correntes religiosas em terras da Amazônia. Nosso irmão, Padre Benedito, é trabalhador incansável que apoia uma das mais operosas instituições católicas de nossa região, os Salesianos, que são nobres irmãos discípulos de Dom Bosco. Ao seu lado esquerdo está o nosso querido irmão **Tekami, espírito valoroso no trabalho com os irmãos indígenas** e demais povos da floresta, que se reúnem em torno da paz e da preservação de nossas matas. Ao meu lado direito, nosso amado irmão Carlos Theodoro Gonçalves, digno trabalhador de uma grande instituição espírita da região, representando os irmãos que divulgam o bem pela Terceira Revelação. Por fim, à minha esquerda, nosso irmão Júlio César, distinto representante das correntes evangélicas, vinculado à tradicional Igreja Batista, cujas bases estão fincadas em nossa região há mais de um século. [21].

Esse convívio de irmãos representantes dos indígenas com seus ritos e crenças já possível entre nós? Será essa uma agenda da transição planetária? Deixo essas perguntas para o caro leitor responder. A obra Luzes sobre a Amazônia revela que já está em curso ações no sentido de se relacionar-nos da Amazônia imbuídos das reflexões sobre nosso papel e compromissos de transformação com a região quanto a questão histórica-espiritual, onde o papel da mediunidade tem seu espaço. Se o plano espiritual antecede o que se sucede no plano terreno, podemos advir que essas reflexões já se fazem pertinentes hoje em nosso mundo de encarnados, como apresentado no momento que os grupos de espíritos caravaneiros se encaminham em diferentes pontos da região amazônica ao vierem de outras regiões espirituais em visita a essa região.

[...] Com a compreensão dos fatos desde épocas remotas até os dias de hoje, puderam os nobres caravaneiros inteirar-se do contexto com o qual estavam se relacionando, para entenderem que nossos compromissos com a região não são simplesmente ligados à causa ecológica em si mas são fruto de um encadeamento **histórico-espiritual que nos torna protagonistas da destruição do passado e também agentes responsáveis pela transformação** que deve ocorrer nos corações humanos, para a sobrevivência do próprio homem na Terra. Dessa forma, os Caravaneiros finalizaram seus estudos de preparação, encaminhando-se, grupo a grupo [...] [22]

Se já somos agentes de transformação social por meio de nossa conduta e respeito quanto às religiões e as expressões da mediunidade, é sinal de que a transição planetária se instalou em nossos corações de acordo com o desejo do Mestre Jesus. Isso podemos sentir na prece do Irmão Raphael, um dos dirigentes espíritas da Fundação Allan Kardec, na qual temos o coração tomado de alegria por ensejar essas reflexões finais por meio de sua prece na alusiva obra.

Senhor Jesus! A lembrança dos primeiros momentos de nossa caminhada nesta região é, para nós, de significativa emoção! Estivemos, por certo, Senhor, muito tempo distantes de Ti. Quando Te vimos pela primeira vez, em a mais importante oportunidade de redenção que Deus nos ofereceu olhamos para Ti com desprezo e orgulho, não obstante Tu já endereçares para nós terno olhar de convite ao bem e sublime sorriso de convocação ao amor, naqueles dias imorredouros da Galileia. Entretanto, preferimos Te escarnear, comemorando a tua aparente derrota na cruz. Quando nos chamaste, logo adiante, aceitamos nos enfileirar às tuas lutas, mas Te renegamos em seguida, abjurando a nossa fidelidade à tua obra e ao teu nome, para fugir das feras dos circos. Em novo convite de redenção, novamente ombreamos com os companheiros da lide, entregando-nos às estruturas da tua igreja nascente, mas os títulos da autoridade de que nos revestimos cegaram nossos espíritos e novamente adiamos a marcha segura Contigo! Ainda outras vezes cambaleamos ao teu lado, Senhor, pela nossa inferioridade, até que Tu nos apresentaste esta região, paraíso da Obra de Deus, à qual instantaneamente nos imantamos por meio do nosso mais puro amor; e sob tuas ordens divinas, estagiamos inúmeras vezes para defender os homens nativos, espalhar o teu Evangelho, bradar por justiça, exemplificar a ação preservacionista e incentivar o trabalho no bem. Nunca mais nos desvinculamos destas plagas, Senhor, porque é impossível afastarmo-nos dela quando a ela nos integramos, quando convivemos com os seus habitantes simples, quando recebemos a energia de sua natureza, em prova de amor, e quando compreendemos que, sem ela a vida na escola física ser-nos-ia quase impossível! É por isso que estamos neste momento aqui, Mestre de toda sabedoria, ávidos por fazer mais, para que o pouco que já conseguimos realizar sob o teu comando repare o muito que deixamos de fazer quando não Te compreendíamos. Com essa disposição ao trabalho é que pedimos as tuas sempre presentes bênçãos, oh, Jesus, para esta bendita casa e para nós outros, a fim de que nos fortaleçamos em nossos propósitos de paz, de aprendizado constante e de integração ao teu grande plano de regeneração do planeta, quando Te rogamos nos deixar colaborar com a migalha de nossas possibilidades, que, não obstante ínfimas diante dos teus recursos ser-nos-ão o veículo com que conduziremos o nosso espírito, para que tenhamos a honra de estar Contigo no reino dos céus. Sê conosco, Jesus, amplia as nossas possibilidades de colaboração, na medida do nosso esforço, amparando-nos agora e para todo o sempre. [23]

6 REFERÊNCIAS

- [1] KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. I, item 9, p. 63.

- [2] PARAPSIKOLOGIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parapsicologia>. Acesso em: 06 Jun 2021.
- [3] KARDEC, Allan. **O Livro dos médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores**. Trad. de Maria Lucia Alcântara de Carvalho. 1a. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010, item 159.
- [4] RODRIGUES, Renan Albuquerque, TRINDADE, Deilson do Carmo, PAIVA, Ignês Tereza Paiva e VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard, **Pajelanças indígena e cabocla no Baixo Amazonas/AM e suas implicações a partir de questão histórica**. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2411>. Acesso em: 06 Jun 2021.
- [5] CAMELO, Marco Antônio da Costa *et. al.*. **Sociedade e Saberes na Amazônia**. (Org.). Fares et al. Belém (PA): EDUEPA, 2018. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2019/06/SOCIEDADES-E-SABERES-DA-AMAZONIA.pdf>. Acesso em: 06 Jun 2021.
- [6] FRANÇA, Elvira Eliza. **Crenças que promovem a saúde: mapas da intuição e da linguagem de curas não-convencionais em Manaus, Amazonas**. / Elvira Eliza França. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002. 414 p. Disponível em: http://download.golfinho.com.br/downloads/crencas_que_promovem_a_saude_2MB.pdf. Acesso em: 06 Jun 2021.
- [7] CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só” o se ingerar e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM)**. 2017. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5759>. Acesso em: 05 Jun 2021.
- [8] RODRIGUES, D.; DE MORAES JÚNIOR, M. R. **A Pentecostalização de Povos Tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 900-918, 31 ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p900>. Acesso em: 09 Mai 2021.
- [9] NASCIMENTO, Ana Lúcia Cardoso. **Ciência do sagrado na Amazônia. Encontros entre a tradição e modernidade nas práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras**. Orientadora: Ligia T. L. Simonian. 2018. 379 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10417>. Acesso em: 05 Jul 2021.
- [10] REZENDE, Justino Sarmiento. **Cosmovisão indígena: criação, encarnação e saída desse mundo**. In: REVISTA IHU ON-LINE (Instituto Humanitas Unisinos). 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584953-cosmovisao-indigena-criacao-encarnacao-e-saida-desse-mundo>. Acesso em 09 Jun 2021.
- [11] LIRA, Wagner Lins. **“Da seringa ao chá”: Uma História de Mestres e Padrinhos na Amazônia brasileira**. Tempo [online]. 2021, v. 27, n. 1, pp. 96-116. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2021v270105>>. Epub 28 Abr 2021. ISSN 1980-542X. Acesso em: 9 Jun 2021.

- [12] LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes; SILVA, Adan Renê Pereira da. **Mulheres e práticas de cura: vivências no Mocambo do Arari - Parintins, Amazonas**. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 14, n. 28, p. 164-190, out. 2020. ISSN 1981-2434. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12183/6215>>. Acesso em: 09 Jun. 2021.
- [13] CASTRO, Miriam de Araújo Mafra; CAVALCANTE, Rubia Maria Farias. **Saberes de cura e práticas corporais**. Marupiará Revista Científica do CESP/UEA, [S.l.], n. 3, p. 153-170, abr. 2019. ISSN 2527-0753. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiará/article/view/1453>>. Acesso em: 09 Jun. 2021.
- [14] RODRIGUES, Renan Albuquerque. **Sufrimento mental de indígenas na Amazônia**. Revista Eletrônica Mutações. Edição v. 5 n. 8 (2014): Espaços digitais, quadrinhos e diversidade na Amazônia Brasileira. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/785>. Acesso em: 05 Jun 2021.
- [15] CESARINO, Pedro de Niemeyer. **Babel da floresta, cidades dos brancos? Os Marubo no trânsito entre dois mundos**. Novos Estudos/CEBRAP, 82, Novembro, pp. 133-148, 2008, p. 144).
- [16] XAVIER, Francisco Candido. **Nos Domínios da Mediunidade**. Pelo Espírito André Luiz. Rio: FEB. 1955, cap 16.
- [17] VERGOLINO, Anaíza; TAVERNARD, Taissa. **A trajetória das religiões afrobrasileiras em Belém do Pará na versão do povo-de-santo: um caso para a História Oral**. In: Sociedade e saberes na Amazônia / Organização de Marco Antônio da Costa Camelo et. al. – Belém: EDUEPA, 2018. 271 p. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2019/06/SOCIEDADES-E-SABERES-DA-AMAZONIA.pdf>. Acesso em: 06 Jun 2021.
- [18] KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 2ª. edição. Rio de Janeiro: CELD, 2011, p 473.
- [19] MIRANDA, Hermínio C. de. **Diversidade dos carismas**. São Paulo: Lachâtre, 2009.
- [20] CAMPELLO, Marcellus. Luzes sobre a Amazônia. 1ª ed. Manaus: Casa Bendita, 2015, p. 32-33.
- [21] _____. Luzes sobre a Amazônia. 1ª ed. Manaus: Casa Bendita, 2015, p. 52.
- [22] _____. Luzes sobre a Amazônia. 1ª ed. Manaus: Casa Bendita, 2015, p. 66.
- [23] _____. Luzes sobre a Amazônia. 1ª ed. Manaus: Casa Bendita, 2015, p. 148-149.